ANAIS
Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras
www.sielli.ueg.br
POSLLI
Universidade Estadual de Goiás
08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

RECEPÇÕES DE "O CONTO DA AIA": DO LIVRO À SÉRIE

THE HANDMAID´S TALE RECEPTIONS: FROM THE BOOK TO THE SERIES

Amanda Pereira Rocha[1] (UEG)
Marcelo Gustavo Costa de Brito[2] (UEG)

Resumo:
Em 1985, a autora canadense Margaret Atwood lançava o livro *The Handmaid's Tale* (*O Conto da Aia*), uma premiada ficção especulativa que projetava um futuro no qual as mulheres perderiam seus direitos civis e serviriam a um Estado fundamentalista como reprodutoras, cumprindo o seu "destino biológico". Três décadas depois, em 2017, o romance foi adaptado para a televisão e se tornou uma série de enorme sucesso mundial. Se parte dessa expressiva repercussão se explica pela maior circulação da narrativa de Atwood em formato audiovisual, a recepção da obra não pode ser afastada das movimentações políticas daquele momento, com a ascensão internacional da extrema-direita e a maior visibilidade da luta pelos direitos das mulheres. Neste estudo, procuramos identificar alguns sentidos colocados em circulação pela série, em especial a apropriação que dela foi feita pelos movimentos feministas nos anos seguintes ao seu lançamento, marcando como a distopia atwoodiana, nos anos 1980 considerada improvável e distante, ganhou expressividade e atualidade na segunda década do século 21.

Palavras-chave: Distopia. Feminismo. Extrema-direita. Fascismo.

Abstract:
In 1985, canadian author Margaret Atwood released the book The Handmaid's Tale, an award-winning speculative fiction that projected a future in which women would lose their civil rights and serve a fundamentalist state as reproducers, fulfilling their " biological destiny". Three decades later, in 2017, the novel was adapted for television and became a hugely successful series worldwide. If part of this expressive repercussion is explained by the greater circulation of Atwood's narrative in audiovisual format, the reception of the work cannot be separated from the political movements of that moment, with the international rise of the extreme-right-wing and the greater visibility of the struggle for women's rights. In this study, we seek to identify some meanings put into circulation by the series, especially the appropriation made by feminist movements in the years following its release, marking how the Atwoodian dystopia, in the 1980s considered improbable and distant, gained expressiveness and actuality in second decade of the 21st century.

Key words: Dystopia. Feminism. extreme-right-wing. Fascism.

> Se eu ia criar um jardim imaginário, eu queria que os sapos nele fossem reais. Uma das minhas regras era que eu nunca colocaria nenhum evento no livro que já não tivesse acontecido no que James Joyce chamou de "pesadelo" da história, nem nenhuma tecnologia que já não estivesse disponível. Nenhum dispositivo imaginário, nenhuma lei

[1] Graduada em História pela Universidade Estadual de Goiás. Discente da pós-graduação lato sensu *História, Narrativas e Identidades* da UEG - Campus Nordeste. E-mail: amandarochafsa@gmail.com.
[2] Historiador, Mestre em Psicologia e Doutor em História pela Universidade de Brasília. Professor adjunto na área de Teoria da História na Universidade Estadual de Goiás (UEG). E-mail: marcelobrito@hotmail.com.

> imaginária, nenhuma atrocidade imaginária. Deus está nos detalhes dizem. E o Diabo também. (Margaret Atwood)

Introdução

A série *The Handmaid´s Tale* (*O Conto da Aia*), inspirada no romance homônimo da escritora Margaret Atwood, tornou-se um grande sucesso de crítica e público desde o seu lançamento, em abril de 2017, no *streaming Hulu*. O jornal *Correio Braziliense* saudou a chegada da série como 'A distopia mais aguardada'[3], destacando suas vitórias nos principais prêmios do Emmy e do Globo de Ouro. Dando destaque também as premiações, o jornal *Gazeta do Povo* enalteceu o livro e a série, relacionando-os ao contexto político do ano de 2017[4]. Em 2019, com o lançamento da segunda temporada, artigo publicado pela BBC defendeu que "a obra parece mais vital do que nunca"[5].

O sucesso da obra em versão audiovisual impulsionou também a procura pela versão impressa que a originou. Publicada em 1985, a ficção especulativa de Atwood tornou-se o quinto livro mais vendido de ficção em 2018.[6] Ainda em 2018, a autora confirmou em sua conta no *Twitter* que estava escrevendo uma continuação para obra, mais de trinta anos após seu lançamento. Em 2019, o livro *The Testaments* deu sequência à trama, marcando um retorno ao universo de Gilead.[7]

A série apresenta uma distopia ambientada nos Estados Unidos do tempo presente. Devido a um golpe político com uso de força militar, os Estados Unidos se transformaram na República de Gilead, uma teocracia cristã ordenada pelos princípios do Antigo Testamento, retirando direitos de grupos minorizados, em especial das mulheres. Nesta sociedade, os direitos das mulheres são suprimidos, e todas elas são colocadas em classes definitivas e ordenadas, sob o pretexto de manutenção do equilíbrio social. As mulheres férteis têm um papel repugnante nesta sociedade, condenadas à servidão sexual aos membros da elite da República, os "Comandantes". Essas mulheres são as chamadas "Aias", e seu propósito é garantir a sobrevivência dos cidadãos da elite neste novo mundo. A protagonista da trama é June Osborn,

[3] Cf. Correio Braziliense (2018).
[4] Cf. Gazeta do Povo (2017).
[5] Cf. BBC (2019).
[6] Cf Revista Veja (2018).
[7] Cf. Jornal O Globo (2019).

(Elisabeth Moss em atuação premiada), que na nova república se tornaria Offred (de Fred). Seu desejo de sobreviver e resistir à barbárie é o elemento condutor da narrativa.

Quando o livro foi escrito em 1985, apesar de reconhecido e premiado naquele momento[8], a distopia descrita na obra de Atwood parecia uma representação de algo distante, um modo de experiência política já superado pelos estados democráticos. Afinal, havia se passado quarenta anos desde o término da 2ª Guerra, evento que marcava o fim dos últimos regimes autoritários-fascistas efetivados no ocidente[9]. Margaret Atwood recorda sobre a recepção do livro, em 1985, ao comentar acerca do sucesso da série: "...sua popularidade [da obra] depende daquilo que está acontecendo no mundo em geral. Nas últimas três eleições nos Estados Unidos, ela subiu, mas nos anos noventa as pessoas diziam: ´É coisa do passado, nada disso aconteceu, a Guerra Fria terminou, vamos às compras´."[10] Após a publicação do romance nos anos 1980, "Atwood chegou a levar recortes de jornal às entrevistas que dava sobre o livro para mostrar como sua trama tinha antecedentes da vida real"[11].

Três décadas após o lançamento do livro e com o grande impacto gerado pelo lançamento da série, o vermelho das Aias ganha lugar em manifestações feministas em todo o mundo e se tornam um símbolo de indignação e protesto. Como veremos a seguir, alguns eventos parecem ter uma relação direta com essa apropriação[12]. O que poderia explicar, para além da maior circulação da narrativa em formato audiovisual, a distopia de Atwood ter assumido um lugar tão relevante para o debate público quando lançada no formato de série?

Uma República de Gilead entre nós?

[8] "´*The Handmaid's Tale*´ ganhou o *Governor General's Literary Award* de 1985 para ficção em língua inglesa, e foi indicado para o *Booker Prize* de 1986. O livro amplamente discutido tornou-se um marco nas aulas de literatura em escolas secundárias e universidades, embora também fosse frequentemente contestado. Suas notáveis adaptações incluem um filme de 1990 com roteiro de Harold Pinter, uma ópera composta por Poul Ruders que estreou em 2000 em Copenhague e um balé realizado pelo Royal Winnipeg Ballet em 2013." Cf. Enciclopédia Britânica (2019).
[9] Sobre o tema, cf. Aarão; Ferreira; Zenha (2000).
[10] Cf. Atwood (2019).
[11] Cf. BBC (2019).
[12] Sobre o conceito de apropriação, cf. Chartier (1990).

O avanço do movimento feminista ao longo do século XX tem influenciado a estrutura social, cultural e política em todo o mundo. A ascensão do movimento feminista carrega uma mensagem clara, a opressão e a violência contra mulheres não serão mais toleradas em silêncio. Esta nova "onda feminista"[13] de militância e contestação passa a ser um elemento presente em muitas produções culturais e artísticas contemporâneas. A narrativa descrita pelo livro e série *The Handmaid's Tale* é uma delas.

Determinados eventos merecem destaque para o avanço de certos temores autoritários. A eleição de Donald Trump em 2016 e o *Brexit* em 2020 marcam uma nova era na política internacional e uma escalada da extrema direita pelo mundo. A vitória de Trump e a saída do Reino Unido da União Europeia dividiu opiniões e provocou uma imensa sensação de instabilidade, discursos radicais se fortaleceram por meio destes acontecimentos e se espalharam ganhando representantes em inúmeros países.

> As realidades sociais, o peso do nacionalismo e a questão migratória são diferentes nos EUA e no Reino Unido, mas há semelhanças de perfil entre os partidários da saída britânica da UE e os apoiadores de Trump: pessoas mais velhas e brancas, que vivem mais no campo do que nas cidades e com formação inferior à média. Há coincidências também no que diz respeito aos argumentos que mobilizam esses setores sociais, como o sentimento de desconforto em relação ao *status quo*, a sensação de que o sistema deixou de beneficiá-los, o medo diante da chegada de imigrantes e a crença em um futuro melhor apesar da falta de concretização das promessas políticas.[14]

Embora com especificidades sociais, políticas e históricas, vários governos nacionais se aproximaram de ideais antidemocráticos como a Rússia, Turquia, Hungria, Polônia e Brasil. Os cientistas políticos estadunidenses Steven Levitsky e Daniel Ziblatt ressaltam como políticas autoritárias podem se fazer efetivas mesmo sem o uso de forças militares:

[13] O termo "onda feminista", surgiu para nomear momentos históricos significativos das lutas feministas. Tradicionalmente, se pensa em três "ondas" do movimento feminista. A primeira no século XIX com as suffragettes que lutaram pelo direito ao voto feminino, podendo citar os nomes de Flora Tristan e Sojourner Truth. Nos anos 1960 temos a chamada segunda onda feminista, atuando partir da academia, com feministas como Simone de Beauvoir, Angela Davis e Kate Millet tratando de construções propriamente teóricas que naturalizavam a dominação masculina. Já a "terceira onda feminista" que é apontada no início dos anos 90, vai lançar um olhar crítico para o próprio movimento e "abraçar" várias causas que não tiveram voz nas duas primeiras. Judith Butler e todos os nomes ligados ao feminismo negro são representativos desse terceiro momento.
[14] Cf. El País (2016).

> A via eleitoral para o colapso é perigosamente enganosa. Com um golpe de Estado clássico, como no Chile de Pinochet, a morte da democracia é imediata e evidente para todos. O palácio presidencial arde em chamas. O presidente é morto, aprisionado ou exilado. A Constituição é suspensa ou abandonada. Na via eleitoral, nenhuma dessas coisas acontece. Não há tanques nas ruas. Constituições e outras instituições nominalmente democráticas restam vigentes. As pessoas ainda votam. Autocratas eleitos mantêm um verniz de democracia enquanto corroem a sua essência. [15]

O ano de 2016 é marcante quanto ao retorno de certos grupos e ideologias que pareciam restritas a pequenos nichos. Neste ano, quando ainda disputava a cadeira presidencial em 2016, Donald Trump foi alvo de críticas por declarações contra o aborto que ameaçavam direitos reprodutivos de cidadãs americanas:

> O pré-candidato republicano Donald Trump disse na quarta (30) que mulheres que fazem abortos deveriam receber "algum tipo de punição" se o procedimento for banido, sem detalhar qual seria essa punição. [...] Ao ser perguntado se o aborto deveria ser banido, Trump respondeu que "é preciso que exista alguma forma de punição". Questionado por Matthews sobre o tipo de punição, o empresário respondeu: "ainda não determinei qual deveria ser a punição". (GLOBO, 2016)

Confirmada a vitória de Trump, na posse do novo governo em janeiro de 2017, muitas mulheres foram às ruas para se manifestar contra o recém-eleito presidente estadunidense. Desde esse momento inaugural e ao longo dos anos seguintes, o protagonismo feminino se fez efetivo no combate aos valores conservadores autoritários que ganhavam força. Ainda em 2017, com o lançamento da série "O Conto da Aia" em 26 de abril, o vermelho das aias foi apropriado e tomou conta de várias manifestações contra o avanço do autoritarismo.

As cores têm um significado importante para a construção narrativa da série, como a própria autora explica: "As roupas recatadas das mulheres em Gilead vêm da iconografia religiosa ocidental: as Esposas usam o azul da pureza, da Virgem Maria, as Aias usam vermelho

[15] Cf. Levitsky; Ziblatt (2018, p.17).

pelo sangue do parto, mas também por Maria Madalena."[16]. Desta forma, a cor vermelha das Aias se transformou em uma expressão de contestação política em prol da resistência feminista.

O vermelho ganhou relevância em várias manifestações por diferentes demandas, como por exemplo, nas manifestações *#MeToo*[17] de outubro de 2017 e em inúmeras manifestações a favor da legalização do aborto. As mulheres vestidas de Aias em manifestações pró-aborto no Senado do Texas, em março de 2017, lutando contra decretos anti-aborto, chamaram a atenção de jornalistas e feministas ao redor do mundo:

> O uniforme das criadas foi tomado nos últimos meses por vários grupos de mulheres como um símbolo de protesto. No final de junho, em Washington, várias mulheres vestidas como as donzelas de Atwood protestaram diante do Capitólio enquanto o Senado norte-americano debatia a reforma do sistema de saúde que pretende suspender o financiamento da *Planned Parenthood*, que oferece um sistema de saúde semelhante ao do planejamento familiar europeu. Não era a primeira vez que acontecia. Em março, um grupo de ativistas tingidas de escarlate irrompeu no plenário do Senado do Texas para protestar contra uma lei que dificultaria o aborto no Estado. Outro exemplo é o das cem mulheres de vermelho que enfrentaram há alguns dias o vice-presidente, Mike Pence, quando se dirigia para fazer um discurso para a *Focus on the Family*, uma organização cristã dedicada a promover valores ultraconservadores. (EL PAÍS, 2017).

[16] Cf. E País (2017).
[17] O movimento *#MeToo* ganhou notoriedade quando, em 2017, a atriz Alyssa Milano publica em seu *twitter* um chamado para que todas as mulheres que sofreram assédio sexual usassem a *hashtag #MeToo*. Este movimento chamou atenção da mídia por conta de diversas atrizes famosas virem a público denunciar assédio dentro da indústria do cinema, causando até mesmo a prisão de um dos maiores executivos de Hollywood, Harvey Weinstein. Cf. Revista Veja (2019).

Figura 3: Manifestação nos EUA fazendo referência à série. Fonte: EL PAÍS

A forma como uma obra de ficção de 1985 exerce tamanha influência no cenário político atual nos mostra como certos temas se mantêm presentes. As relações de poder e o domínio sobre o corpo das mulheres ainda são pautas recorrentes no mundo contemporâneo, como explica a historiadora Joan Scott:

> O gênero é uma das referências recorrentes pelas quais o poder político tem sido concebido, legitimado e criticado. Ele não apenas faz referência ao significado da oposição homem e mulher, ele também o estabelece. Para proteger o poder político, a referência deve parecer certa e fixa, fora de toda construção humana, parte da ordem natural ou divina. (SCOTT, 1995, p. 92).

Como apontado, desde o lançamento da série, manifestantes em todo o mundo se vestiram de aias e foram às ruas em busca de direitos: nos Estados Unidos, Espanha, Argentina, Irlanda, Bélgica e até no Brasil. Várias manifestações pró-aborto tiveram o vermelho como símbolo contra o controle estatal de seus corpos, questões sobre o aborto ainda são um assunto polêmico de ser tratado na medida em que o meio político ainda é predominantemente masculino. Embora nossa sociedade não seja pautada em moldes teocráticos, questões como o aborto são marcadas por forte oposição de grupos tradicionais e religiosos.

Figura 4: Manifestação contra o juiz Brett Kavanaugh, indicado por Trump à Suprema Corte. O juiz defende posições contrárias ao aborto e é alvo de acusações de assédio sexual. Fonte: Estadão

A luta pela legalização do aborto se dá por uma noção básica, a mulher precisa ter direito sobre o seu corpo. A escolha sobre ser mãe não deve ser do Estado. As mulheres lutam por ter direito e autonomia sobre seus corpos sem o comando estatal[18].

No mês de maio de 2018, a Irlanda se manifestou a favor da legalização do aborto, posicionamento que representou um rutura com a longa tradição religiosa no país e um recado para outros países extremamente religiosos no continente europeu. A legalização do aborto na Irlanda foi mencionada por jornais irlandeses e britânicos, as matérias apontaram também para um suposto afastamento de ideias conservadores e religiosos, já que o país também tinha legalizado o casamento homossexual três anos antes da legalização do aborto[19]

Figura 5: Manifestação a favor do aborto em 2018, na Irlanda. Fonte: Exame

Em junho deste mesmo ano, a Argentina seguiu o mesmo caminho, milhares de mulheres vestidas de Aias foram às ruas de Buenos Aires pedir o fim da criminalização do aborto, movimento que contou inclusive com o apoio de Margaret Atwood: “Bem agora, mulheres na Argentina estão lutando por seus direitos e suas vidas. Não dê as costas às milhares de mortes [causadas] por abortos ilegais. Deem às mulheres argentinas o direito de escolher.” (VEJA, 2018.) Nas ruas argentinas, as mulheres tinham como palavra de ordem “educação sexual para decidir, anticoncepcionais para não abortar, aborto legal para não morrer.” (ESTADÃO, 2018).

[18] Cf. sobre o debate Folha de São Paulo (2021).
[19] Cf. EXAME (2018).

Figura 5: Mulheres argentinas protestam a favor da legalização do aborto. Fonte: BBC.

Ocorreram também na Argentina manifestações contra o aborto: se o vermelho era o símbolo a favor da legalização, o lenço azul expressava o descontentamento de parte da população que defendia a manutenção das proibições. Além disso, ficou claro o embate de ideias durante as manifestações, de um lado declaravam que o aborto seria uma "questão de saúde pública", do outro os dogmas religiosos falavam mais alto.[20]

Figura 6: Manifestações contra a legalização do aborto na Argentina. Fonte: BBC.

No Brasil também ocorreram atos em menores proporções no Distrito Federal, onde um pequeno grupo se manifestou em frente ao Supremo Tribunal Federal quando, nesta corte, se discutia a possibilidade da descriminalização do aborto.

[20] Cf. El País (2018).

Figura 7: Ato em frente ao Supremo Tribunal Federal. Fonte: UOL.

No Brasil as comparações entre o governo e a República de Gilead surgiram com a chegada do presidente Jair Bolsonaro ao poder, em 2019. Com declarações polêmicas e preconceituosas, o então presidente do Brasil foi nomeado pela mídia como o "Trump dos trópicos"[21] não somente pelas suas declarações misóginas, como também pela submissão que apresentava ao então presidente dos Estados Unidos. Em entrevista, a autora Margaret Atwood não somente defendia o impeachment do presidente Jair Bolsonaro como também revelava as semelhanças entre o discurso de Bolsonaro e os discursos da fictícia Gilead: "Pessoas como o presidente do Brasil [Jair Bolsonaro] que diz: ´Eu sou um homem forte e vou resolver isso para você. Você tem que oprimir mulheres e grupos minoritários e tudo ficará ótimo´. Gilead não é diferente disso." (ATWOOD, 2020).

Considerações Finais

No ano de 2021, podemos observar a desaceleração de ideias de extrema direita em vários países do Ocidente. A derrota de Trump e a ascensão de líderes de esquerda em território latino-americano parece indicar uma nova configuração. No entanto, o pensamento conservador autoritário está longe de ter sido abatido:

> A saída de Donald Trump da Casa Branca deixou os movimentos populistas sem sua liderança mais visível no poder mundial. Alguns líderes e Governos confiavam com entusiasmo na reeleição do presidente dos Estados Unidos, com destaque para Hungria, Polônia e Brasil. Não saiu como esperavam. Mas

[21] Cf. Jornal O Globo (2019).

> sua derrota está longe de ser o fim das tendências eleitorais que nos últimos anos colocaram os partidos de extrema direita no comando de vários executivos ou na liderança da oposição. (EL PAÍS, 2020)

Apesar das tendências extremistas terem sofrido duras derrotas atualmente, os ideais conservadores continuam rondando o Ocidente. A famosa frase da filósofa Simone de Beauvoir ganha vida: "Nunca se esqueça que basta uma crise política, econômica ou religiosa para que os direitos das mulheres sejam questionados.". Mas apesar dos ataques constantes sofridos pelos movimentos feministas, movimentos negros, movimentos LGBTQIA+, esses movimentos também conquistaram importantes vitórias. Como afirma a filósofa Judith Butler: "O mundo que os conservadores querem destruir, o mundo gay e lésbico, o mundo trans, o mundo feminista, já é muito poderoso. Eles não têm nenhuma chance de destruí-lo."[22]

Quando o livro *O Conto da Aia* foi lançado em 1985 o mundo era um lugar bem diferente, a ficcional Gilead parecia ser uma representação de horrores já superados. No entanto, quando vemos mulheres se vestindo com as mesmas cores que marcam a submissão na narrativa de Atwood, podemos afirmar que algo na estrutura social está errado. Com grandes manifestações pelo mundo apropriando-se dos símbolos do universo de *The Handmaid's Tale*, a autora tenta compreender esse movimento de afirmação de direitos das mulheres:

> Quando eu estava escrevendo, os Estados Unidos ainda eram vistos como um raio de luz, uma democracia liberal, um modelo para o resto do mundo. Nós não estamos mais lá, porque o resto do mundo mudou como os Estados Unidos. É por isso que acho que as pessoas estão vendo *'The Handmaid's Tale'* como mais possível do que quando foi publicado pela primeira vez. (ATWOOD, 2018).

Referências

AARÃO, D.; FERREIRA, J.; ZENHA, C. (orgs.). **O Século XX: o tempo das crises - revoluções, fascismos e guerras** (Vol.2). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

AGUILAR, A. "Entrevista com Margaret Atwood: Para mim é natural ser uma 'raposa velha' malvada" in **EL PAÍS**, 07 setembro de 2019.

[22] Cf. BUTLER (2017).

ATWOOD, Margaret. “Maldita profecia” in **EL PAÍS**, 14 de maio de 2017.
BAUER, P.; CURTIS, A.; LOWNE, C.. "O Conto da Aia". **Enciclopédia Britânica**, 18 de setembro de 2019.

BUTLER, Judith. **“Quem tem medo de falar sobre gênero?”** in Youtube, 8/11/2017.

CHARTIER, Roger. **História Cultural: entre práticas e representações.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

MIGUEL, B; GORTÁZAR, N. “Derrota de Trump abala o populismo no mundo, mas não o derruba” in **El PAÍS**, 22 de novembro 2020.

FERRERO, C. “No mundo pós-Trump, a revolução feminista se tingiu de vermelho” in **EL PAÍS**, 15 de julho de 2017.

KACHANI, M. “Aborto é necessidade de saúde’ diz ativista e antropóloga ameaçada de morte.” in **Estadão**, 02 de agosto de 2018.

KUSUMOTO, M. “Os 20 livros de ficção mais vendidos de 2018. Quantos você leu?” in **Revista Veja**, 28 de dezembro de 2018.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem.** Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

MELLO, C. Patrícia. “Marcha das Mulheres reúne milhares contra Trump em todo o mundo” in **Folha de S. Paulo**, 21 de janeiro de 2017.

PAIS, A. Margaret Atwood, autora de ‘O Conto da Aia’: ‘Se os EUA tivessem uma ditadura, seria religiosa. **BBC**, 09 fev. 2020.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e realidade.** v.l5, n.2, jul./dez. 1995

Fontes

“Margaret Atwood diz porque ‘The Handmaid’s Tale’ é mais relevante do que nunca” in http://www.paramountchannel.com.br/2018/08/14/margaret-atwood-diz-porque-the-handmaids-tale-emais-relevante-do-que-nunca. Acesso em: 25 jan. 2022.
“The Handmaid’s Tale: série vencedora do Emmy traz à tona autoritarismo em futuro distópico” in Gazeta do Povo, 18/09/2017.

“Margaret Atwood apresenta 'The Testaments', sequência de 'O Conto da Aia'” in Globo, 10/09/2019.
“Lições do ‘Brexit’ invadem a campanha eleitoral dos Estados Unidos” in Revista El país, 29/06/2016.
“Marcha das Mulheres reúne milhares contra Trump em todo o mundo “in Folha de S. Paulo, 21 jan. 2017.
“Aborto legal e seguro não é um assunto de religião, mas de saúde pública” in Folha de S. Paulo, 30 set. 2021.
"Sim" da Irlanda ao aborto é duro golpe para a Igreja ” in Exame, 27 mai. 2018.
“Argentina vota legalização do aborto em meio a mobilização em massa” in Revista El Pais, 09 ago. 2018.
“Bolsonaro é descrito como 'Trump dos trópicos' e 'fervoroso admirador de Trump' na imprensa internacional” in O Globo, 19 mar. 2019.
“Argentinas pró-aborto protestam com trajes de O conto da Aia”. in Revista Veja, 26/07/2018.